

# Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital<sup>1</sup>

## *Counterculture through the ages: from Prometeu myth to digital culture*

Rogério Bianchi de Araújo

Professor de Filosofia da Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS.

Pelo próprio tema do livro, pode-se concluir que a contracultura sempre se manifesta em qualquer época histórica. Ela tem como marca preponderante a fluidez de formas e estruturas, que leva a rupturas e incertezas, causando turbulências onde antes havia comodismo. Suas estruturas sociais são espontâneas e efêmeras, não há lideranças formais a serem seguidas, pode surgir com grupos políticos radicais ou, mesmo, revolucionários ou forças de insurreição. O que interessa a ela é, principalmente, o poder das idéias, das imagens e da expressão artística.

Esse posicionamento introdutório na obra é de Timothy Leary, referenciado pelos autores ao longo do texto como um dos personagens mais influentes da contracultura contemporânea. Trata-se de uma tentativa de definir contracultura logo em seu início, para, a partir de então, descrever uma longa história desta. Contracultura, neste livro, é vista como um estímulo ao livre-pensar e ao conhecimento, e como uma estética de constante mudança. É uma obra de grande fôlego, pois é realmente ambicioso pensar a contracultura desde os mitos gregos até os dias de hoje. No entanto, parece que os autores conseguiram dar conta do recado.

Contracultura é característica de situações em que as imposições estão presentes e obstaculizam as ações criativas. Livrar-se das restrições é regra básica de qualquer movimento contracultural. Pode ser para chocar, para questionar ou fazer refletir sobre a tradição vigente. Ela não se faz de forma teórica e pensada previamente, mas sim na prática, na experiência vivida, até que ocorra a ebulição do movimento, sem data ou hora marcada para acontecer. É fruto do contexto histórico. É como

um copo que vai se enchendo de água e transborda de tal forma que se torna inevitável a manifestação de movimentos contra-hegemônicos.

É interessante o posicionamento dos autores quanto à existência de rebeldes contraculturais míticos. Todos estão acostumados à visão caricata dos mitos gregos como algo inquestionável e dogmático. Do ponto de vista dos autores, há uma identificação de símbolos de contracultura nos mitos de fundação das duas grandes correntes a partir das quais surgiu a moderna civilização ocidental: as tradições clássica e judaico-cristã. Prometeu teria sido o primeiro grande contraculturalista, mas podem-se enxergar ainda outros mitos contraculturais em Eva, Pandora, Dioniso, Circe, Fausto e Robin Hood.

Para os autores, a liberdade de comunicação é uma característica fundamental da contracultura. A individualidade também é defendida como algo imprescindível, não no sentido psíquico do egocentrismo, mas no sentido da liberdade espontânea, das garantias de opinião, comportamento e pensamento, ou seja, a liberdade de não seguir o que está convencionado pela sociedade. Dessa forma, os contraculturalistas apóiam veementemente aquilo que Nietzsche chamou de “transposição de valores”.

Ao longo da obra, foram levantadas características da contracultura que se manifestaram nas mais diversas épocas, em contextos históricos distintos: rupturas e inovações, diversidade, comunicação verdadeira e aberta, criatividade e imaginação, generosidade, respeito maior à humanidade do que à propriedade. A filosofia de origem socrática, o taoísmo, o budismo, o sufismo e o trovadorismo são apresentados como contraculturas que marcaram os períodos Antigo e Médio no Ocidente e no Oriente. É interessante a abordagem dos autores ao enfocarem essas personalidades ou certos movimentos da história como atos de rebeldia contra o *status*

<sup>1</sup> GOFFMAN, Ken & JOY, Dan. *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*. Introdução de Timothy Leary. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

quo estabelecido. A tradição leva a se pensar nesses movimentos muito mais como “marcos religiosos” do que movimentos contestatórios de padrões e regras, às vezes não tão perceptíveis pela massa.

O Iluminismo europeu/Idade da Razão dos séculos XVII e XVIII talvez seja a mais importante e influente contracultura apresentada neste livro, e aquela cujo *status* de contracultura será o mais contestado. Ninguém foi mais representativo do *Zeitgeist* do século XVIII que o “Apóstolo da Dúvida”, Voltaire, celebrado como o representante da insubordinação cultural do século XVIII. Em certo sentido, o caráter de Voltaire marcou o surgimento neste livro, pela primeira vez, de um interessante arquétipo contracultural.

Os transcendentalistas americanos e os boêmios parisienses foram considerados pelos autores os maiores contraculturalistas do final do século XIX e início do XX. A partir de então, a ênfase recaiu sobre o período contemporâneo que parece ser a referência de contracultura para as pessoas em geral. A maioria das pessoas, ao pensar em contracultura, refere-se à segunda metade do século XX em diante. Movimentos musicais como o *jazz* e o *blues* já tinham seu espaço garantido. Surgiram os *beats* como a primeira contracultura semiótica. Um pouco mais tarde, o *rock* ganhou força com os *Beatles* e os *Rolling Stones*. Cresceu a evangelização psicodélica de Leary. Os *hippies* suspeitavam de que eles poderiam representar um novo estágio da humanidade. Além disso, houve o nascimento de uma militância política negra em meados da década de 1960.

A partir da década de 1970, a liberdade se transformou em liberdade pessoal; libertação da opressão se tornou libertação da repressão sexual; a busca democrática de igualdade e liberdade de associação virou uma busca individualista por uma promiscuidade sem culpas. Um dos tabus da contracultura, bastante abordado pelos autores, refere-se ao uso das drogas e de qualquer tipo de alucinógeno. Eles afirmaram que o significado do uso de drogas pela contracultura não representa apenas uso

químico por diversão, fuga das angústias ou esquecimento dos problemas, mas sim como uma manifestação da eterna adesão da contracultura às novas idéias, tecnologias, experiências e formas de viver.

Chegou-se ao novo milênio e a pergunta que fica é a seguinte: ainda há espaços para movimentos contraculturais? Sem dúvida, eles mudaram de configuração; afinal, vive-se o período da pluralidade de pontos de vista, do respeito à diversidade cultural e do vigor do multiculturalismo, do *boom* dos meios de comunicação de massa e da globalização da economia. Qual é o poder hegemônico hoje? O que significa ser de vanguarda nas artes? Quem são os rebeldes contraculturalistas? Os autores, ao final da obra, apontaram para a fragmentação dos movimentos contraculturais atualmente. Não existem mais referências ou grandes causas que seduzam os rebeldes. Estaria o mundo vivenciando um momento de estagnação dos movimentos contraculturais? Crê-se que, assim como o momento exige uma reformulação política, ideológica, estrutural, também exige uma nova forma de pensar a contracultura. Pensar em movimentos contra-hegemônicos ao consumismo e à violência simbólica sofridos pelas massas parece ser o novo caminho contracultural. Já se vê isso nas periferias do Brasil, principalmente em vários movimentos artísticos. A contracultura, hoje, talvez se manifeste em relação à ditadura do mercado e aos imperativos econômicos do novo *laissez-faire*.

O que mais me chamou a atenção na obra de Ken Goffman e Dan Joy foi essa viagem no tempo que eles proporcionaram. Tem-se a impressão de que as pessoas eram muito mais rebeldes e menos passivas. Parece que a vida borbulhava e efervescia com muito mais efetividade em décadas anteriores, ou seja, os autores fazem com que os leitores se sintam nostálgicos mesmo que não tenham tido a oportunidade de viver outros períodos históricos. E, por isso, fizeram um alerta: “No final da década de 1990, nós deveríamos estar a passo acelerado para um grande *boom* utópico. Agora, nós estamos resmungando estrada abaixo, ru